

*Alguns Conceitos e Aspectos
Ligados aos Sistemas de Exploração
da Cabra Serpentina*

Paulo D. Fonseca

Eng.º Zootécnico

Escola Superior Agrária de Santarém

2000 Santarém

INTRODUÇÃO

Sendo a investigação científica a base fundamental de todo o desenvolvimento e progresso agrícola, pecuário e industrial, pouco mais do que fazer meras observações, registar factos e formular algumas hipóteses é possível fazer, antes de a investigação e a experimentação ser dotadas dos meios de que precisam para poder realizar estudos de profundidade indispensáveis às orientações que, depois, se mostrarem mais aconselháveis.

Torna-se deste modo evidente a carência de elementos de estudo e de meios experimentais que permitam obter respostas, devidamente elaboradas, às inúmeras interrogações que a ideia de fomentar e maximizar a caprinicultura no Alentejo obviamente coloca.

Embora paralelamente, por intuição ou percepção e conhecimento empírico de algumas das condições locais e regionais, se admita a viabilidade de desenvolver a caprinicultura alentejana - desde que possam ser removidas algumas das dificuldades que se observam.

Daí, o reconhecer-se a conveniência de se estabelecer uma íntima colaboração entre todos os que pensam na necessidade de encontrar respostas devidamente fundamentadas, para intenções de exploração da cabra Serpentina em moldes modernos e eficientes.

Esta preocupação ocupa naturalmente o espírito daqueles que, como nós, assumem não conhecer ainda completamente todas as potencialidades das nossas raças autóctones no próprio meio e sistemas em que são exploradas. E o daqueles que têm notado que a introdução de genótipos exóticos, de uma forma geral, não tem conduzido a nenhum melhoramento significativo do rendimento do produtor, apenas se ganhando a experiência adquirida com o conhecimento de que esses genótipos não se adaptaram ou tiveram grandes dificuldades de adaptação, pelo menos de forma proporcional à expectativa criada, acabando os caprinicultores por ter de abandonar esses cruzamentos, mesmo em casos em que se tentou adaptar o maneio praticado às exigências das raças introduzidas, geralmente mais exigentes neste aspecto (Duque Fonseca, 1989).

Deste modo, a intenção de fomentar a caprinicultura em Portugal e particularmente nas regiões alentejanas onde tem maior expressão numérica e económica, carece em primeiro lugar, da disponibilidade de meios que permitam investigá-la a fundo.

Subjacente a toda e qualquer planificação indispensável ao fomento da produção caprina e, portanto, relacionada com o investimento e a sua rentabilidade, levantam-se as perspectivas que derivam da integração de Portugal na União Europeia, da qual fazem parte países de caprinicultura tecnológica e comercialmente avançada - exportadores de raças exóticas seleccionadas - enquanto em Portugal estão ainda em vigor disposições legais que os produtores têm considerado como desincentivantes da produção caprina no nosso País.

A espelhar esta situação podemos mencionar como exemplo, o injusto caso da Serpentina não ser considerada, pelo Serviços Oficiais portugueses, uma raça ameaçada de extinção o que automaticamente a exclui das medidas de apoio consagradas no REG.(CEE) 2078/92. Tal facto deve-se à incompetência anónima dos Serviços que no momento próprio, por erro, ignorância ou alheamento não integraram esta raça no conjunto das raças autóctones com direito de inserção nas chamadas Medidas Agro-Ambientais. Mais grave será ainda o facto de os Serviços, oportunamente alertados pela Associação representante dos criadores desta raça, para o facto de haver necessidade de rectificação da situação criada se tenham cingido à incúria de nem responder às sucessivas exposições que lhes foram apresentadas.

Para além do que anteriormente foi referido, há uma série de conceitos a rever e ponderar.

O Conceito de Área de Recurso Alimentar

A maior parte dos sistemas de produção caprina em meio difícil alentejano pressupõem a utilização de uma proporção importante de recursos pastoris .

Com efeito esta situação faz emergir o interesse da noção de “área de recurso alimentar” utilizável.

Passaremos em seguida a analisar as dificuldades levantadas pela utilização desta noção que exprime o facto de a alimentação de uma cabrada não provir de alimentos perfeitamente identificados, mas de diferentes tipos de terrenos e cobertos vegetais que compõem o “soalho” do nosso Alentejo.

Os sistemas de produção no meio difícil alentejano são correntemente caracterizados apelando a duas situações que lhe são comuns:

- são sistemas tradicionais;
- são sistemas diversificados.

A nossa preocupação, não será ilustrar as apreciações feitas por um inventário descritivo da forma de produção caprina neste ambiente, tanto mais que o uso da metodologia de inquérito com o objectivo de caracterizar e hierarquizar as prioridades dos problemas a resolver, foi já anteriormente utilizada e oportunamente feita a divulgação dos seus resultados (Duque Fonseca, 1988).

Como referimos anteriormente, é preciso fazer progredir a reflexão sobre as questões “vivas” que se prendem com a evolução e o futuro da produção caprina em meios difíceis, através de conceitos e métodos de análise sistemáticos que privilegiem a dimensão espacial do sistema.

O conceito de uma **caprinicultura integrada no espaço produtivo** impõe-se, na medida que os efectivos dependem intimamente dos recursos forrageiros do meio, tanto mais que, devem ser os próprios animais a procurar e a assegurar a sua alimentação quotidiana.

Nestas condições, a caracterização do regime alimentar não pode ser reduzido a uma mera quantificação de unidades forrageiras ou de matéria azotada "standards" necessárias para um determinado objectivo de produção, mas sim qualificado pelo local e momento da sua constituição.

Não se trata portanto de unidades alimentares "anónimas" mas de áreas de recursos identificados e descritos nas suas características biológicas (coberto vegetal, estado vegetativo) e físicas (altitude, topografia, solos, ...).

Esquemáticamente, e como exemplo, o regime alimentar dos rebanhos caprinos do nosso Alentejo mobilizam diversos tipos de áreas de recursos durante o pastoreio, baseado exclusivamente em pastagens naturais, ou em conjunto com a utilização de prados, culturas cerealíferas, restolhos, entre outros, complementados, ou não, por recursos armazenados provenientes quer da própria área de exploração, quer adquiridos no exterior.

Com efeito os problemas metodológicos postos pela utilização do conceito de áreas de recursos disponíveis não são simples de resolver.

Trata-se na realidade de identificar as determinantes que assegurem os termos das seguinte passagens :

- uso da área de exploração;
- coberto vegetal;
- recursos efectivamente utilizados pelo rebanho;
- maneio do rebanho;
- produções animais;

Desta forma é particularmente difícil estabelecer região por região uma matriz anual dos recursos forrageiros, tanto mais difícil quanto se deseje incluir elementos do real contributo das áreas pastoreadas.

O conhecimento de uma tal matriz, mesmo grosseira que fosse, permitiria ilustrar as disponibilidades e as restrições que determinariam as grandes orientações regionais.

Estes balanços alimentares grosseiros tem evidentemente uma relação íntima com a natureza do coberto vegetal.

Recordamos que actualmente a nível nacional a superfície agrícola útil representa cerca de 48% da nossa área total , mas que perspectivas de aptidão produtiva futura apontam para a sua redução até cerca de 26%, enquanto que mais ou menos 34% da restante área é florestal e 16% de incultos, sendo a perspectiva de utilização potencial futura, respectivamente de 59% e 13%.

Esta mesma contabilidade realizada à escala da exploração agrícola vocacionada para a produção caprina, em qualquer local que seja, deveria permitir uma melhor compreensão da contribuição da utilização das respectivas áreas para a referida actividade.

No entanto, há que evidenciar o facto, de que em parte significativa do nosso território e particularmente nas regiões de minifúndio, de haver uma dissociação entre o proprietário/ utilizador do solo e o proprietário do rebanho caprino.

Esta situação é penalizante e contraditória à dos nossos concorrentes norte europeus, onde o rebanho e a exploração agrícola são partes integrantes de uma mesma unidade funcional, que dessa forma é gerida de uma forma técnica eficiente.

O conhecimento do contributo alimentar dos diferentes recursos necessita de uma avaliação das quantidades ingeridas em pastoreio.

Poderá parecer à partida que a mensuração da ingestão em pastoreio nestas condições será particularmente difícil, no entanto não há razões intrínsecas que justifiquem a sua maior dificuldade quando comparada com outras situações de pastoreio em meios não difíceis, como os dos EUA ou da França ou qualquer outro país (Treacher e Penning, 1987).

A complicação provém dos próprios sistemas de produção:

- Os rebanhos pastoreiam superfícies não compartimentadas sob o controlo de um cabreiro que determina os ritmos de actividade e a escolha das áreas a pastorear;
- O tempo quotidiano de permanência em pastoreio é limitado (6-12 horas), mais ou menos importante segundo as condições climáticas e a estação do ano, podendo o pastoreio ser complementado por uma distribuição de palha/feno/concentrado no capril, ou nas suas proximidades;
- O rebanho percorre diariamente um circuito de pastoreio vulgarmente longo, diferente de um dia para o outro, no decurso do qual contacta com a diversidade dos recursos vegetais do local ou região.

(Nota: Estas deslocações, segundo Leclerc et al (1986), condicionam grandemente o nível de dispêndio energético do pastoreio, mas esse "menu" confeccionado pelo cabreiro pode também ter por efeito o estimular do apetite do animal);

- Os rebanhos são constituídos por animais em diferentes estados fisiológicos, facto que tem evidência importante a nível, tanto das necessidades, como do comportamento dos animais.

A quantificação da ingestão em pastoreio com o objectivo de estabelecer balanços e estratégias alimentares/nutricionais, necessita de mensurações normalmente complexas, tanto mais difíceis de realizar quanto os animais podem compor a sua ração alimentar explorando a própria dimensão vertical de uma mesma área.

Com efeito, para caracterizar rapidamente a contribuição de uma determinada área de recurso para o sistema de produção, o conhecimento preciso das quantidades ingeridas tendo em consideração a biomassa disponível nem sempre é necessário.

Tanto assim é, que no caso dos ovinos a utilização da unidade de carga ovina mediterrânica - unidade ovina mediterrânica - corresponde às necessidades energéticas diárias de uma ovelha de 45 Kg PV, em regime de manutenção e não gestante, explorada em pastoreio (1 UOM = 0,65 UFL ou 7597 KJ de energia metabolizável).

Os coeficientes de correcção permitem ter em consideração as diferenças de formato, de estado fisiológico e de nível de produção dos animais.

Graças a registos (tabelas) simples, é possível parametrizar sobre a forma de um número de UOM standards a pastagem, face a esta ou aquela área de recurso, por dia, por estação ou por ano e por unidade de superfície sem ter que passar por mensurações directas da biomassa ou das quantidades ingeridas em situações onde o seu conhecimento preciso não é possível, ou não seja útil.

O princípio em que se baseia a UOM deverá poder ser adaptado, mais ou menos facilmente aos caprinos, contribuindo para o esclarecimento deste aspecto.

Conceitos e Métodos de Análise do Sistema de Produção

Para tal desígnio à que assumir um compromisso teórico que permita a "avaliação global do sistema de produção" nas situações onde as áreas forrageiras são determinadas pelo funcionamento dos rebanhos.

Os principais pontos de tal metodologia são os seguintes:

- Identificação da intervenção humana na relação entre animal e vegetal;
- Tomar em consideração a escala temporal numa perspectiva espacial;
- Dispor de instrumentos simples de comparação e diagnóstico.

Identificação da Intervenção Humana nas Relações entre o Animal e o Vegetal

Um sistema de produção é constituído por um SISTEMA TECNOLÓGICO, concretizado e gerido pela ajuda de um SISTEMA DE PILOTAGEM (produtor e seu grupo familiar).

O próprio sistema tecnológico decompõe-se em um :

- SISTEMA DE TRANSFORMAÇÃO VEGETAL-ANIMAL

e um

- SISTEMA DE TRANSFORMAÇÃO-VALORIZAÇÃO: que assegura a transformação dos produtos brutos da exploração em produtos comercializados após tratamento tecnológico feito, ou não, pelo produtor (queijos por exemplo).

O sistema de transformação vegetal-animal associado ao sistema forrageiro e ao sistema de manejo do rebanho asseguram a transformação dos recursos vegetais de diversas origens em produto animal.

O Sistema de Pilotagem é constituído pelo conjunto de meios e processos de informação-decisão mobilizados pelo produtor para fazer funcionar o Sistema Tecnológico.

Mas o Sistema de Pilotagem exprime ainda a estratégia do produtor que se traduz pelas finalidades atribuídas ao Sistema Tecnológico.

Esquemáticamente podemos distinguir 3 tipos principais de finalidades, de cuja combinação se pode explicar a diversidade de sistemas tecnológicos de produção caprina no Alentejo:

(i) Gerir e valorizar as áreas existentes e seus recursos vegetais (prioridade às áreas de recursos no sistema forrageiro);

(ii) Aumentar a produção por cabeça animal (prioridade às performances do material animal no sistema de manejo);

(iii) Colocar no mercado produtos específicos de elevado valor comercial (prioridade ao sistema de transformação-valorização).

Na análise do sistema de produção caprina, praticado na maioria das regiões do Alentejo e mesmo do nosso País, devemos considerar a pastagem como "um factor ecológico pilotado pelo homem". Este conceito certamente permitirá interpretar a complexidade de utilização e evolução das áreas pastoris como o produto de interações entre o "domínio vegetal" e o "domínio animal" induzidas quer pelo cabreiro (ao nível da época de pastoreio), ou pelo agricultor (ao nível do conjunto da área utilizada), ou pela própria sociedade pastoril (ao nível de todo o conjunto do território pastoril).

A Dimensão Temporal na Abordagem Espacial

Um sistema forrageiro pode ser caracterizado pelos tipos de áreas de recursos utilizados mas também pela cronologia anual da sua sucessão no regime alimentar do rebanho.

Daí que a noção de ajustamento entre o ciclo da sucessão das disponibilidades alimentares das áreas-recursos e o ciclo das necessidades fisiológicas, deva ser conjugado pelo arranque do período reprodutivo.

Com efeito um dos objectivos da "caprinicultura integrada no espaço produtivo" é considerar a regulação entre estes dois ciclos, que constituem um problema importante no contexto mediterrânico caracterizado pela alternância de períodos de abundância e escassez alimentar.

A sua regulação pode ser realizada por:

(i) Acção do produtor sobre o sistema forrageiro, através das seguintes iniciativas:

- Constituição de reservas pastoris (gestão previsional do pastoreio);
- Pela intervenção na produtividade das áreas de recursos (melhoramento de pastagens, sementeiras, adaptação de novas espécies ou variedades);
- Introdução de um complemento alimentar.

(ii) Através do próprio sistema de manejo:

- Pela variação da dimensão do efectivo que compõe o rebanho a alimentar (seja por uma acção directa sobre o próprio rebanho, seja pela venda mais ou menos precoce dos jovens cabritos);
- Pela escolha do momento-chave do período de reprodução;
- Pelo contributo da capacidade de acumulação e mobilização das reservas corporais feita pelos próprios animais (capacidade que pode ser avaliada e acompanhada pela variação da condição corporal dos reprodutores ao longo de um ciclo anual).

Por vezes a consideração de um ciclo anual isolado mostra-se insuficiente para aquilatar a regulação exercida pelo fenómeno reprodutivo, uma vez que uma aparente baixa taxa de fertilidade pode ser justificada pelo resultado do ajustamento das necessidades-disponibilidades alimentares que se repartiram ao longo de dois ciclos anuais sucessivos:

- um ciclo com reprodução, seguido de um ciclo sem reprodução ao longo do qual a cabra assegura a recuperação das suas reservas (conceito de carreira de reprodutor).

Instrumentos Expeditos de Comparação e Diagnóstico

Dois níveis de abordagem e de preocupação devem ser distinguidos para conceber a tipologia dos sistemas de produção:

- Um inventário e uma descrição dos sistemas regionais: realizada por inquérito constituído por um questionário que preveja respostas simples e rápidas a um número limitado de questões que permita caracterizar o conjunto do Sistema Tecnológico;

- Uma análise da diversidade local dos sistemas de produção: a noção de sistema regional não é operacional para delinear um apoio técnico aos produtores tendo em consideração a variabilidade local dos sistemas técnicos e das suas condições e meios de reprodução.

Nesta óptica, é necessário obter indicadores de “ocorrências”, tendo por

base o “diário” de acontecimentos que afectam o uso das áreas de recursos do sistema forrageiro e do sistema de manejo do rebanho.

Por conseguinte um elemento importante de diagnóstico é a avaliação do grau de autonomia alimentar do rebanho (percentagem das necessidades cobertas pelo uso exclusivo das áreas de recursos com exclusão de alimentos adquiridos no exterior).

Ao nível das estações do ano (ou no seu conjunto) é possível estimar uma produção autónoma, o mesmo será dizer, que é possível exprimir as quantidades de produto obtido, segundo os diferentes casos, numa base de utilização exclusiva dos recursos da pastagem ou da própria exploração agrícola.

As Questões “Vivas”

Assim, uma primeira pergunta que naturalmente poderá ser levantada é:

- Que tipo de caprinicultura fomentar nas diferentes regiões de Portugal?

A esta questão só se pode responder com outra pergunta: quem está em condições de responder imediatamente ?

Por outro lado: - quem, considerando a experiência própria e alheia acerca da utilização determinado genótipo ou sistema de produção, poderá garantir bons resultados económicos em determinada região com a adopção desse “modelo” sem o apoio de um conhecimento cientificamente responsável?

Uma prova que está por fazer - cuja tentativa também poderá estar nas mãos dos caprinicultores - é a de haver possibilidade de obter animais que, nas condições existentes ou potenciais de determinada região, sejam capazes de suplantarem os actuais.

E a de, os próprios técnicos, com o conhecimento disponível, poderem assumir a solução dos problemas práticos inerentes ao “fomento caprino” de forma a merecerem a inequívoca confiança dos criadores em tempos que se anunciam vir a ser de grande concorrência económica.

Por tudo quanto fica dito e que no mesmo sentido fica por dizer, parece-nos que toda e qualquer terapia para esta situação deverá passar inevitavelmente pela **investigação, experimentação e demonstração** a fazer.

Factores sociais e económicos, determinam na actualidade modificações fundamentais nas condições em que se desenrolam os sistemas de produção.

Estes factores sociais e económicos constituem o vector de introdução de novas práticas de exploração e eventualmente de novas tecnologias. Por si só justificam a organização de uma nova investigação.

Nova Estrutura Fundiária

De uma forma esquemática podemos considerar que o desmantelamento dos sistemas sociais baseados nas povoações rurais interiores isoladas foi acompanhado de um aumento de produtores interessados na caprinicultura. O "mosaico" da estrutura aldeã foi destruído.

A produção animal, complementar das actividades horticolas e cerealíferas, hipertrofiou-se no espaço rural disponibilizado. As pastagens herbáceas e arbustivas substituíram o trabalho agrícola das inúmeras parcelas então existentes. O cabreiro é o último sobrevivente da antiga sociedade rural. A sua actividade de produtor já não é tão tradicional quanto antes pois teve de adaptar o sistema de manejo dos seus rebanhos às novas condições do sistema forrageiro:

- A produção ocorre sobre novas áreas de pastoreio, mas ao mesmo tempo foi privado do contributo dos recursos alimentares diversificados das parcelas cultivadas.

Assim, poderão surgir naturalmente as seguintes questões:

Como assegurar a alimentação do rebanho recorrendo o mínimo possível a recursos comprados ou armazenados?

Que intervenção devemos conceber para controlar a vegetação indesejável fora das parcelas cultivadas?

Como implantar e utilizar o parqueamento vedado em espaços enormemente heterogêneos e topograficamente acidentados?

Mas estas questões "vivas" dizem ainda respeito ao próprio espaço e ao seu futuro:

- Com a redução e desaparecimento da população rural, os cobertos vegetais abandonados tornam-se perigosos, nomeadamente pela vulnerabilidade de incêndios estivais da biomassa acumulada.

Em que condições e nível de actividade poderá a caprinicultura assegurar uma auto-protecção dos cobertos arbóreos e florestais contra incêndios?

Qual a contribuição alimentar dessas áreas desequilibradamente lenhificadas?

Qual a evolução dos ecossistemas alentejanos somente sujeitos a pastoreio?

Quais as técnicas mínimas de manutenção e intervenção do ecossistema?

Novos Conceitos de Mobilidade

Na nossa conjuntura produtiva os rebanhos deslocam-se diariamente até ao recursos existentes no interior de um determinado território rural, ou num ponto

de vista anual fazem deslocações entre áreas de recursos mais ou menos distantes umas das outras.

A modificação da estrutura de gestão do território, caracterizada pelo desaparecimento das parcelas cultivadas, torna possível uma maior liberdade de movimentação dos efectivos caprinos, que poderá chegar à pura e simples dispensa dos cuidados de controlo assegurados pelos cabreiros.

Novos Produtos

A evolução demográfica generalizada, o desenvolvimento do fenómeno urbano, o efeito induzido pela actividade turística de uma forma sinérgica concorrem para a modificação progressiva da estrutura da procura e consumo alimentar.

Se assumirmos a nossa identidade mediterrânica e jogarmos a "cartada" dos produtos de qualidade tipicamente regionais, associados a uma gastronomia culturalmente marcada, poderemos eventualmente constatar que a hipótese do nosso desenvolvimento passa pela consciencialização que a fraca produtividade das áreas de recursos que caracteriza essencialmente o sistema de transformação vegetal-animal, pode ser largamente compensada pela especificidade dos produtos do sistema de transformação-valorização.

Novas Raças

A variabilidade existente entre raças locais ligadas a um sistema de produção dominante e as características produtivas específicas deste material animal que correspondem às limitações e às finalidades dos sistemas de produção, podem conduzir ao estabelecimento de uma tipologia de avaliação racial que evidencie o genótipo apropriado para uma determinada variabilidade do sistema forrageiro e sistema de manejo.

Em conclusão, poderemos afirmar que o sistema de produção de caprinos em meio difícil mediterrânico está actualmente sujeito não só a transformações profundas das condições do seu funcionamento técnico, mas também da sua pilotagem.

As novas estruturas de produção, os novos conceitos de mobilidade dos efectivos, os novos produtos confrontados com as leis dos mercados e as novas raças implica que nestes sistemas transformados, todas essas evoluções sejam igualmente introduzidas por novos caprinicultores.

É evidente que a produção caprina representa um papel fundamental na valorização dos recursos das regiões de fracas potencialidades que são

dominantes no nosso País.

Mas o seu desenvolvimento passará por dois desafios importantes:

- uma modernização das explorações caprinas que seja coerente com a utilização das áreas de recursos existentes no meio produtivo, e não somente a simples aplicação de modelos de elevado nível de investimento;

- uma nova imagem da exploração caprina que seja atraente para cativar novas gerações a escolher a actividade da produção caprina se bem que continue a ser uma moderna actividade tradicional.